

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 125

Data 24 de fevereiro de 1976 Pg.: \_\_\_\_\_

*Cimi denunciará à Funai  
destruição no Alto Purus*

Da Sucursal de  
BRASÍLIA

Os grupos indígenas da região do Alto Purus, no Estado do Acre, estão ameaçados de perder suas terras, ainda não delimitadas, com a crescente ocupação na área por empresários do Sul do País. Além disso, estão sofrendo um processo de destruição que obedece às seguintes etapas: primeiro, se estabelece um clima de violência em meio ao qual o índio é morto e roubado; depois, a liderança da tribo é destruída pela desmoralização dos costumes, e aproveitamento dos elementos desajustados do grupo, que são utilizados como veículos para a transmissão de vícios, como a bebida, aos outros índios. Paralelamente, os interessados no desaparecimento do índio criticam seus hábitos e costumes, chamando-o de bárbaro e atrasado.

Este quadro é descrito no relatório que o assessor para As-

suntos de Terra, do CIMI, padre Egdio Schawden, apresentará esta semana ao presidente da Funai. Ele esteve, durante várias semanas, fazendo um levantamento da situação dos índios daquela região, que estão sofrendo toda sorte de violências com a chegada das frentes pioneiras do Sul do País, no Estado do Acre.

No Alto Purus vivem nove grupos indígenas diferentes e quase todos estão sofrendo processos de destruição, excluindo-se os quatro grandes núcleos de Culina. "Fazendeiros, madeiros e seringalistas da região e de fora — afirma o padre — que vêm-se instalando na área já pegaram o verdadeiro vício de utilizar-se da mão-de-obra indígena para seus interesses no Alto Purus. Evidentemente, a maioria desses patrões lavam as mãos corrao Pilatos, dizendo que a culpa é dos "gatos", subempregados utilizados para comandarem os peões. Por vezes, não contentes com a exploração econômica, enquanto os ho-

mens são empregados em trabalhos no interior da mata, essas pessoas abusam de suas mulheres e filhos".

"Em Sobral, continua o padre em seu relatório, o "paulista" — como são chamados todos os fazendeiros do Sul, que chegam a área — Benedito Tavares, através de seu gerente Getúlio Simão, empregou pelo menos 78 índios kaxinauus e culinas e nenhum deles recebeu em troca qualquer tipo de pagamento. Trabalharam como escravos e, com certeza, irão passar fome este ano, pois não tiveram tempo de cuidar de suas roças".

Consta ainda do relatório que, com a proibição recente no Peru da exploração de madeira de lei, os "gatos" peruanos, que dominam a fronteira, começam a ultrapassá-la com suas levadas de índios semi-escravos. O pagamento para a derubada dos troncos e o seu transporte até o rio é feito com "agrados", mantimentos especialmente cacheça, fartamente distribuída para o índio.